De todos segundo as suas forças.

IL DIRITTO

A cada um segundo as suas necessidades.

PERIODICO COMUNISTA ANARCHICO

Sahe quando pode e se publica por Subscripção voluntaria.

EGIZIO CINI, Gerente Responsavel — Endereço — IL DIRITTO, Rua Silva Jardim n. 60.

PARANÁ Coritiba, 26 de Agosto de 1900 BRASILE

Cidadão Pedro Setragni.

Devo declarar-lhe que o sequestro do boletim anarchista feito no dia cinco do corrente em a officina de que sois proprietario, não importa a suspensão do Jornal IL DIRITTO, orgão de propaganda.

Aquelle sequestro visou o interesse da ordem publica que fatalmente sería conturbada caso fosse o mesmo boletim distribuido.

Curityba 15 de Agosto de 1900.

O Commissario de Policia

Paulo Ildefonso de Assumfção.

Conhecendo a responsabilade do impressor, declaro não ser exacto o que foi publicado na «Republica» n. 173 que: «as 11 horas da noite de Sabado, na tipographia Setragni se preparava um manifesto de anarchistas d'esta Capital, sobre os acontecimentos da Italia».

A LUZ DO DIA

Imprimo o referido jornal desde anno e meio com o permisso das autoridades locaes, como qualquer impressor que paga os seos impostos.

Pedro Setragni.

A defeza d'um ideal
Ao Povo

Um outro homem cahiu, golpeado a morte, n'esta cruel batalha que é vida social contemporanea.

E muitos, mas ou menos sinceramente, choram, e muitos gritam e muitos imprecam.

Quem choraes: Humberto ou o rei?....

Se choraes o cidadão, o pai, o esposo — se as vossas lagrimas, são pelo homem morto pelo homem — se da tragedia de Monza vos commoveu somente o sangue derramado, tendes o direito.

E nós que não somos pavidos nem cinicos, nos dolorimos por esta tragica herança, que pesa sobre os homens e os torna violentos e inexoraveis, até no que elles chamam o seo dever e o seo ideal.

Mas, se é sobre uma vida cortada que choraes, se é só um senso de humanidade que vos expreme as lagrimas — porque não derramastes outras tantas amargas sobre os cadaveres ensanguentados, que a plebe tambem urrando em nome do seo direito á vida, deixou pela cidade e pelos campos, sob uma chuva de chumbo fratricida, durante este ultimo ventennio no reino de Italia?...

Mas, não, vós quereis chorar o rei, nada mais que o rei. E é para tentar uma demonstração politica, que vós, como partidarios de Cesar, fazeis bandeira de um cadaver, para desencadear as iras inconscientes da plebe embriagada pela vossa victoria contra os innocentes.

Porque vós o sabeis que nós somos innocentes dessa morte, que só o odio semeado pelo regime a vos caro provocou a furia das represalias e do sangue.

Vós o sabeis, por quanto fosses ignorantes, oh crocodilhos, que choraes lagrimas de tinta paga sobre as gazetas forcarolas dos dois mundos — que uma ideia por quanto utopistica não poderia nunca exaltar a mente até o homicidio, se tantos corações humanos não fossem envenenados pela miseria e pela injustiça, se esta alta e inviolavel cousa que é a vida — mesmo quando non seja aquella de um rei — não fosse a cada pé suspenso, calpestada e comprimida por este monstruoso systema social, e não fosse senão que a desordem das formas, tempestada por todos os ventos da frode, da violencia, da rapina.

Vós o sabeis, oh allegadores tortuosos da imprensa servil, que é infinda a dôr e o desespero infindo que flagellam a multidão e sublevão tempestades de odio, e não já a propagando de um ideal que reassume a mais alta philosophia humana de amor e de liberdade, o que armou o braço do regicida de Prato.

Nós não semeamos senão que as esperanças de redempção, acordando as consciencias assopidas do proletariado misero e vilipeso, á consciencia dos seos direitos e dos seos destinos.

Mas, crentes na vida e na inviolabilidade d'ella, não só contra o chumbo e o ferro, mas tambem contra as torturas da fome, da perseguição, da violencia — nós a defendemos em todos, porque a todos queremos garantido o bem estar, a instrucção, os affectos doces e gentis n'uma intensidade commum e fraterna de contente e de liberdade.

Nos chamam de sonhadores, porque o nosso ideal, todo bonitez e justiça, é demasiado superior ás formas violentas e espolhadoras dos actuaes systemas economicos e politicos; pois bem, se os desfructados os trabalhadores de todo o mundo, querem ver este sonho de luz no triumpho da realidade, não tem outro a fazer senão contarem-se, e perceberão que elles são o numero, elles são a força, elles são o direito; perceberão que todos os productos do trabalho e da sciencia não são senão o fructo dos seus muscolos fadigados, o cumulo das suas energias, das suas privações, do seo suor; e perceberão afinal que a riqueza dos outros é feita com a sua miseria e que o demais de alguns ventres ociosos é devido ao demais pouco de muitos ventres operarios.

Nos chamam de assassinos, porque algum exasperado da vida, sublevado á furor pelo proprio e alheio desespero — declare-se ou não anarchico — quebrou a existencia de um potente, e bradam ferozmente á vileza, á cruel **loucura da seita**, não porque este era um homem, mas porque era um potente, remettem á novo a bestialidade do sicario extrahido a sorte, e criam a monstruosidade juridica, de uma responsabilidade collectiva de todos os socialistas-anarchicos da terra, e tambem d'aquelles que nunca souberam que o Bresci existia; tambem por aquelles (e são muitissimos) que mesmo explicando as causas sociaes determinantes, não querem levantar o homicidio, seja mesmo politico, á bandeira de redempção operaria.

Nós sabemos que de frente ao imperversar da paixão partidaria, que disfructa a opinião publica, valendo-se do sentimento geral de piedade para o morto, e virando-o a fins interessados e dynasticos, soprando o odio nas massas inconscientes contra todos aquelles que não são dispostos a gritar dos telhados que Humberto de Savoia era o mais grande, o mais liberal, o mais mite dos homens, é bem difficil fazer chegar á mente dos demais, a fria e sã palavra da razão.

E sabemos sobretudo que na hora caliginosa em que, a vingança de um coração despedaçado pelo chumbo, se está meditando de despedaçar outros corações — corações innocentes de mães e espozas — n'um delirio de perseguição contra tudo e contra todos aquelles que não sejam ligios á dominação.

Sabemos que precisa bastante coragem para livrar na palavra, todo o intimo pensamento nosso, longe a par da cobardia como tambem da crueldade.

Mas, pois que os gazetinistas tenros da forca e do chumbo, quando devem operar em *corpore vili*, esqueceram o tragico balanço dos mortos de uma e de outra parte; e como a carnaça plebeia tenha pago um largo tributo de sangue, n'este duelo todo dôr, combattido pelo seo pão, pela sua liberdade; porque estes crocodilos não sentem que diante do direito natural, tanto vale a vida de um monarcha, quanto a de um humilde carregador, nós esperamos que a historia — não aquella de Cesario, mas a genuina, a verdadeira — escreva as paginas sanguinosas d'este ultimo ventennio de monarchia na Italia: Villa Ruffi, Conselice, Catalvoturo, as matanças Sicilianas do 1894, e aquellas milanesas do 1898, superantes as borbonicas e as croatas; e as paginas infames do Porto Ercole e das ilhas, onde cria-se relegar o pensamento, tormentando os corpos e envenenando as almas; e as hediondas comedias dos tribunaes de guerra, semeantes a indigencia e o rancor em milhares e milhares de familias innocentes, e os roubos infames de bancos, cobertos de honras e de encargos nos maiores ladrões; e toda a podridão de um baixo Imperio, avido só de prazeres e de prepotencias á damno das classes mais humildes e mais laboriosas..... estes tambem eram delictos commettidos sob o manto da lei e com o pretexto da ordem.

Pois bem, quem protestou, d'aquelles que agora invocam matanças e ruinas para vingar esta morte?....

Rei Humberto, bradam elles, não era responsavel de tudo aquillo que de mal se fazia pelos ministros. E, seja; mas, os anarchicos, hão então de ser responsaveis de tudo quanto um individuo commette em nome da anarchia?...

Portanto, é contra elles e sempre que se apresenta o pretexto de disfructar o alarme publico, seguinte um attentado, que se desencadeou a mania algemadora; e, tantas mães e esposas e irmãs innocentes, choraram, e em muitas casas desconsoladas faltou ás crianças o pão.

Nós não reconhecemos como principio o direito de matar, porque o carrasco, mesmo quando chama-se justiceiro è sempre carrasco.

Mas comprehendemos — e precisa verdadeiramente a ignorante cegueira d'esta gente para negal-a — que a eschola da violencia permanente, a qual em sustento da frode economica e d'aquella politica, vem do alto e faz proselitos até nas nossas fileiras.

A nossa doutrina que é de liberdade, e que por conseguinte começa a reconhecer a liberdade dos outros (do direito á vida, ao pão, á sciencia) para exigir que seja reconhecida em nos mesmos; esta nossa

calumniada doutrina, que de Jesus a Tolstoi, de Platão a Krapotkine, attingiu thesouro de luz e de bondade, não é no seu fim philosophico senão a negação deste brutal direito a força, em contraste secular com a força do direito; não é no seu fim moral, que a proclomação das leis que governam a evolução social do principio de lucta áquella de solidariedade.

A essencia do principio libertario, que olha no porvir, é toda de amor: a violencia não vem senão do passado, e as dominações que se fizeram base, foram as mestras.

De quem a culpa se do Povo pularam de vez em quando, ou na veste do republicano no Bruto, do catholico Ravaillac, da girondina Carday, do anarchico Bresci, as exasperações ignotas pelas orgias sociaes e fizeram sobre os potentes o truce experimento de sangue, que sem nenhum pranto dos gazetinistas forqueiros, se fez tantas vezes sobre as multidões?....

Os que verdadeiramente ignorantes das tremendas leis do determinismo social, provocaram a morte sanguenta de Humberto de Savoia, foram aquelles mesmos que em seo nome e com ou sem o seu consentimento, semearam tanta dôr, e tanta brutalidade de repressões e de liberticidio sobre a miseria da plebe.

O que podia brotar de todo aquelle fermento de lama e de carne mitralhada, senão esta flor de sangue?

Talvez o urro do vulgo inconscio, incitado pelos envenenadores da imprensa *almacenera*, suffocarão a nossa voz serena e corajosa, levada em defesa de um ideal que nos torna altivos e tranquillos diante das miserias e dos insultos de gente sem fé.

Nós esperamos de pé firme a tempestade que está desencadeando-se sobre a nossa cabeça; e sorrimos de piedade em face daquelles que nos chamam de velhacos, na hora em que despregamos a nossa bandeira diante do perigo, como chamavam hontem ferozes, os inermes fuzilados nas ruas e nas praças da Italia.

E vós, pobres ossos dos assassinados de Maio, recolheis no infinito amplexo fraterno da morte, este ultimo cahido na humana tragedia: elle não é mais um potente; é um homem como vós, morto pela mão do homem.

Mas nós ficamos, oh irmãos mortos, a combater na vida e pela vida — até que não cesse esta lei cruel— até que a mão dos homens, quebradas as armas e as correntes, não se estenda ao seu semelhante, que dispensadora do bem, n'uma gara luminosa de trabalho, de amor, de solidariedade.

Muitos grupos Socialistas—anarchicos

Pela verdade

Partidarios convencidos da mais ampla liberdade, não seremos certamente nós anarchicos que queriamos manumetter a vossa, oh patriotas.

Mas, como homens livres, não admittimos que insultaes impunemente o ideal fulgido pelo qual desafiamos as vossas estupidas reacções....

Patronissimos, senhores patriotas de occasião de fazer a apologia de um rei ou um presidente, no modo que vos agrada, mas nós tambem temos o direito de pôr á posto a verdade e dizer-vos, vós mentis conscios do que estaes fazendo.

Pelas columnas dos vossos jornaes cantaes as grandes dotes do rei que já foi. O chamaes de magnanimo, generoso, leal; trez palavras, trez mentiras e para proval-as não é necessario retroceder a muitos annos atraz.

Só decorreram 2 annos de Maio, que Humberto demonstrou falsas as vossas asserções, quando o povo de Milão pedindo «pão e trabalho», foi por sua ordem ferozmente mitralhado pelos assassinos de profissão.

E não dizeis que o seu coração seja-se commovido á tanta carneficina, porque provam o contrario as palavras dirigidas á trupa que corajosamente tinha combatido contra irmãos inermes, mulheres e crianças.

As palavras dirigidas pelo magnanimo, foram: « Bravos soldados, compristes o vosso dever ». Isto basta a desmentir-vos.

O que vos torna mais odiosos, oh reptiles serpejantes sobre qualquer materia e a quem é bem apropriado o verso do poeta bolonhez :

A arte de engraxar os sapatos aos ladrões,
Curvando o dorso vós forneceu Natura

é que não contentes das vossas mentiras, todas as armas vos servem para denigrar a ideia anarchica.

Mas antes, estudael-a esta ideia, e depois combateil-a si não a achaes justa.

Vós, oh italianissimos, deverieis saber o que disse Bovio (não anarchico por certo), e em pleno Parlamento, quando a reacção feroz imperava, Bovio disse : « Senhores, a anarchia se estuda, não se combate. Para a anarchia se encaminha a humanidade ».

E não crer que sois vos sómente, oh italianissimos, á nos denigrar.

Logo chegada a noticia da matança de Humberto, desencadeou-se contra nos uma turma de escriptores inconsiderados, os quaes, como os corvos que dilaceram a carne ainda quente, fizerão artigos a *sensation* não percebendo que em vez se faziam ridiculos.

De facto, em quanto o telegrapho nos trazia simplesmente a noticia da matança de Humberto, elles já sabiam (oh os prophetas !), que o facto tinha sido cumprido por um anarchico o qual foi extrahido a sorte para matar o rei, n' um conciliabulo de anarchicos de New Jork.

Charlataes !...

Mas sabeis o que quer dizer anarchia? ausencia de autoridade, de leis e portanto percam o prestigio todas as vossas historias mal achadas.

Nos anarchicos, porque taes, não temos nenhum conciliabulo segredo, o que fazemos e dizemos em nome do ideal é feito á luz do sol, não somos do vosso estampo , oh politicantes camaleonticos, que se escondem sob um pseudonimo para impunemente calumniar.

A Anarchia, oh senhores, não a propagamos com a ponta do punhal como vos dizeis.

Se de vez em quando, um homem de coração generoso, cançado de ver continuas infamias, cançado de ver o povo apatha, este generoso que não se sente apto a esperar o grande dia da revolução, sahe das fileiras e com a certeza de que o seo sacrificio seia util á humanidade, golpea o chefe do Estado, dando em holocausto a propria vida para o seo ideal, como o grande Tiradentes a deu pela Republica, vos oh senhores o chamaes assassino.

Não, não é um assassino, mas, tanto o matado como o matador, não são outra cousa, senão as victimas da vossa mal organizada Sociedade.

EGIZIO CINI.

Nota da Redacção — Este artigo era um manifesto destinado a ser distribuido na occasião da reunião que os patriotas convocaram pelas honras funebres a Humberto, mas que em vez não foi senão um inveir contra a anarchia.

A Policia por motivos (dizem) de ordem publico suspendeu a publicação.

A patria dos ricos e aquella dos pobres

Se dassemos busca nos intimos hypogeos da civilização humana, a existencia de patrias separadas, de certo nós não a encontrariamos. Pois que a rude familia dos Arrias, vivia federada, formando uma só patria, nutrindo-se á sua vontade dos productos naturaes, sem oppressão.

Estas primeiras comunas, em lucta com os outros elementos, como explica Darwin, habitavam a casca terrestre, já povoada pelas vetustissimas feras da idade terciaria, com reciproco pacto de meios para produzir.

Mas, apenas começou a apparecer a propriedade privada, apenas o homem tornou-se juiz e tiranno do outro homem, e o opprimiu com as correntes ensanguentadas da escravidão, eis começar a oppressão de um povo sobre outro.

Em quanto que os confins eram amplos então, se estreitaram, e formaram-se tantas nações luctantes entre ellas e foi criado o desfructamento e a gulodice do capital.

E o servo começou a habituar-se ao tintinnio da corrente que pendia-lhe dos flancos, porque o sacerdote de Jeovah, com os premios phantasticos de além tumulo, o convenceu a um longo servagem, a obdecer e a soffrer.

A natureza não dividiu a familia humana em castas separadas; só a tirannya nascida pelo força brutal de um homem que matou o proprio irmão para gozar dos seus direitos, violou a fraternidade dos pais antiguissimos, criando barreiras entre povo e povo.

Oh! sim ; cantem os poetas, os poemas de gloria a quem morre pela patria, nós não defenderemos nunca uma patria que não é nossa, uma terra que tem sorrisos de céo só para os privilegiados, em quanto a nós, se regala o passaporte para a emigração.

Qual patria tem hoje o pobre? Nenhuma!.. E dizer que o moralista ebrio pela orgia e pela Venere, deitado sobre o talamo adultero, junto com a cortezã vendida, entre o perfume das flores e as luzes dos lampadarios dourados, canta sobre todas as cordas de seu lyuto, as doces epopeas áquelles que morreram para defender a patria, isto é a sua propriedade, e a toda voz nos incita á carneficina fraterna.

Tarde trivial, que regala a sombra humida e gelada de uma cella aos rebeldes, o hospital ás pobres mães de familia que teem estragado a flôr mais bonita da sua mocidade no trabalho dos opificios e o embrutecida esmola a todos os infelizes, incapazes ao trabalho.

⁂

Pobre operaria ! Até que se acha em ti um athomo de frescura e de bonitez, o rico te se encosta para disfructar-t'o; quando murcha e triste perdeste todas as graças, as volupias do morbido seio, avariado, te deixa na rua com os seos bastardos, com infantes farrapentos e descalços, os novos desherdados, como carne da cloaca. .

Só duas patrias ha : aquella dos desfructadores, dos despotas; e aquella desconfinada dos proletarios

e de salariados.

Tu, o misero operario, que vens arrancado do seio de tua familia, para ir a defender a propriedade alheia, a massacrar outros irmãos inocentes, reunes no teo coração uma vampa de odio e de vingança contra as injustiças, contra quem nega o sacro ideal da humanidade.

Oh barbara sociedade burgueza, oh velha suburra, tu es fundada sobre o privilegio e deves cahir.

A vilipendiada raça plebeia, a familia dos escravos e dos opprimidos, anhela á reivindicação social.

Quando cahirá o nome e a instituição da Patria, entendida pelos modernos moralistas a pança cheia ?

Precisamente quando acabará o desfructamento do homem sobre o homem.

Não è longe o dia em que todos os governos cahirão, para formar uma só familia de homens livres.

Vem, portanto, ch sol anhelado, reversa o fogo dos teos raios sobre a corrompida e embriagada turba dos semideos terrestres, abbatte, dessolve e racha as assideradas serrações.

Desfolhando jornaes

—

Leio no Diario da Tarde desta capital n. 389 um Commentario, diatriba feroz contra a anarchia e os anarchicos, subscripto por O Bosina na occasião da tragica morte de Humberto.

Golpeado pela mã interpretação dos nossos principios, sinto-me em dever de justifical-os por todos aquelles que até hoje sympatizaram com nos, e para demonstrar quanto são aptas a culumniar em datas occasiões as pennas alugadas.

O Sr. Bosina, dando principio ao seu Commentando diz:

« Diante do tumulo do grande Rei aberto recentemente pelo braço satanico do anarchismo, penso ao futuro desta sociedade desviada, sedenta de sangue e na loucura profunda de anichilamento».

O mencionado Bosina traçando o acima dito, quiz atirar a sua baba venenosa contra os anarchicos, tentando fazel os passar por assassinos communs.

Mas, cerebro inconscio não pensou qne tambem os anarchicos sabem defender-se e a esta diatriba atirada a fundo, nos respondemos

Sr. Bosina; ou o Sr. nunca estudou as theorias anarchicas, ou está de má fé; porque si tivesse estudado bem as nossas theorias e tivesse practicado anarchicos, por certo não tería escripto tantas cousas inconsultas.

Continuando o seo Commentando, faz a enumeração de factos concernentes povos, que sacrificandose, e fazendo decorrer rios do sangue, souberam libertar-se do jugo estrangeiro, e criar-se umá Patria independente e conclue :

« Hoje em Monza, n'aquelle clima ideal do norte da Italia, sob o céo estrellado, se vê cahir exanime um grande monarcha, cujo coração generoso, foi atravessado por uma bala trahidora ».

Mas, meu Sr; olvidastes talvez que na terra onde nascemos, que geographicamente chama-se Italia, temos tido uma grande revolução ? e que perdurou muitos annos fazendo decorrer rios de sangue ?...

Embora meninos n' aquella epocha, nos lembramos ainda as camisas vermelhas que os nossos pais endossarão ao brado de fóra o estrangeiro ! e correndo aos campos de batalha faziam-se matar, felizes de cumprir un dever e com a esperança de que após de feita a Italia unida e indipendente fosse segurada a existencia dos proprios filhos.

Mas, vã illusão ! afugentado o tiranno estrangeiro, o throno da Italia, foi occupado pelo tiranno italiano e continuaram as mesmas miserias e as mesmas injustiças.

Não satisfeitos, feita a Italia indipendente precisava tornal-a grande (como se a grandeza de uma nação, consistisse nos meios de destruição que possue) a tornaram-na grande até o ridiculo, mas com o sangue e o suor do Povo nascido d' aquelles que se bateram, na esperança de que os proprios filhos tivessem um porvir melhor.

E vòs o Sr. olvidaes que a môr parte destes filhos não têm um cerebro atrophizado e que portanto é apto a estudar e comprehender, e que percebendo-se do engano soffrido pelos seos paes, sacrificando-se pela Patria, resolveram que o seu sacrificio não sirva senão em nome da humanidade.

Na confusão das ideias do vosso Commentando, vos deixastes escapar alguma verdade que é bem fazer notar. Vos dizeis:

Hoje, o rei do Mundo é o dinheiro; a grande massa dos desherdados trabalham dia e noite para não morrer a fome, em quanto os favorecidos da fortuna juntam-se em continuos banquetes.

Então tambem vos, notaes a enorme injustiça ! . . . . . .

É por causa dessa injustiça que se produziu o attrito entre o capital e o trabalho, e o governo, (representado pelo rei Humberto) sustentador do capital, ou da propriedade, correu sempre em defesa de quem nada produz.

Como a notaes vós a injustiça, assim o povo a nota e pergunta o porque. A' força do trabalho continuo do cerebro, percebe que tudo é colligado contra elle e que é só de si mesmo que pode ter confiança n'um porvir melhor.

A ideia sublime da Anarchia se lhe apresenta á mente, no principio nebulosa, quasi incomprehensivel, mas a estuda, (o que vos não fazeis, Sr. Bosina), e chega a comprehendel-a, a amar esta ideia e precisando, sacrifica-se.

Vós, dizeis: «resolvendo o assassinato nas sociedades segretas ».

Não, Sr. Bosina, nós propagamos as nossas ideias, os nossos principios, as nossas convicções ao aberto com jornaes, opuscolos, manifestos e conferencias publicas; discutimos e propagamos em toda parte, seja nos café, nas officinas, nas praças, nos campos; em toda parte nos procuramos abrir as mentes dos nossos irmãos desfructados, fazendo-lhe comprehender os males e os remedios.

Nós não pregamos o edio, como os politicantes, entre partido e partido, ou entre homem e homem como faz o padre que vos sustentaes, não pregamos o odio de raça como fazem os vossos gallonados, mas propagamos o amor e a fraternidade universal, porque até onde ha uma forma humana, ha um nosso irmão.

Se nós pregamos este amor e esta fraternidade é porque não queremos ver gente que rebenta de indigestão e outros que morrem de fome.

Não queremos que haja mulher que se prostitue para viver, ladrão que derrube a porta da padaria a todo seu resgo para dar pão aos proprios filhos, e assassino que de arma na mão espera o viajante para roubar-lhe o dinheiro.

Se propaga emfim porque nos repugna o viver n'uma sociedade tão corrompida.

Nos queremos uma sociedade nova, bôa onde nao haja mais desfructado, nem desfructador, onde todo o necessario seja largamente garantido a todos.

Convenis que nos propagamos a verdade, a justiça, a emancipação de toda a humanidade.

Ora se um dos pioniers do futuro, sente-se cançado de não ser comprehendido, este homem que vê todas as injustiças commettidas em nome do Rei, se eleva a giusticeiro e o mata, não como homem, mas como sustentador das nefandidades que em seu nome se commetem, vos gritaes ao assassino.

Mas, dizei-me por favor, nunca vos occupastes de ler a historia ?... Si a tendes lida, vos devereis ver que quantos vos glorificaes, se mereceram o epitheto de assassinos, pelos reaccionarios dos seus tempos.

Por exemplo: O grande Tiradentes que nos tambem admiramos, não foi talvez tratado pelo governo do Imperio, como vos trataes os nossos martyres e depois da lo ao patibulo ?

Dizei-me: Não foi Vittorio Emanuel II. oh republicanos a tempo perdido, que mandou a fuzilar Pietro Barsanti republicano ? E as senhoras milanesas implorantes ? ...

Mas era o rei galantuomo e não se gritou ao assassino.

Não foi talvez Humberto 1° rei da Italia que mandou um exercito de soldados na Sicilia para suffocar os justos reclamos daquelles isolanos que cansados de morrer de inedia dentro das sulfureiras, sublevaram-se pallidos e macilentos reclamando justiça; e justiça a obtiveram com o chumbo e a galera.

Não é talvez em nome de Humberto I. que na Luigiana, sublevada em prol de quem queria-se fazel-os callar com o chumbo, se condemnaram centenares de pessoas a milhares de annos, pelos tribunaes «giberna» ?...

Talvez, não é sempre em nome d'este rei mitralha, que vós choraes, que o general assassino, Bava Baccaris, a Milão, (perto d'aquelle clima ideal de Monza), fiz esplanar canhões e fuzils sobre o povo inerme e mata crianças e mulheres em estado interessante?

E sabeis porque?

Porque pediam pão e trabalho, e o seu rei, aquelle que vos choraes, oh corações sensiveis, matoulhe a fome com chumbo.

Ao general, pelo dever cumprido a cruz de cavalheiro . . . .

E quereis que o povo olvide tudo? e tendes coragem de chamar de assassino a alma nobre que faz justiça ? mas o chamal-a de assassina é uma infamia.

De certo, vós, Sr. Bosina, nunca vos tomastes o encommodo de perguntar de qual gente estejam repletas as reclusões da Italia.

Pois bem ; nos vol-o diremos : Os Cuciniello, os Favilla, os Notabortolo e muitos outros reconhecidos delinquentes, porque pertencentes á burguezia, estão em liberdade ; e d'aquelles que professam principios santos, se enchem os ergastolos e se povoam os maldictos rochedos, de condemnados ao **domicilio coacto.**

E, quem é responsavel de todos estes delictos, senão a burguesia representada pelo rei ?...

Reepilogando, nós repetimos: as armas, que por vossa vantagem quereis fazer crer que os anarchicos usam, as deixamos todas por uso e consumo da vossa cancrenosa sociedade.

Nós, temos por conceito a ampla liberdade do individuo, porque, se por exemplo eu attaco a liberdade de algum, este teria o pleno direito de rebellar-se.

Ora, livre o individuo de fazer o que lhe agrada, a nós só resta o pôr em relevo as causas que produzem o attrito.

Qual é a differençã que passava entre Humberto de Savoia e o Bresci? Em natura, nada, porque á ambos não foi madrasta. Em questão social, muita differença.

Um que é filho do rei e herdeiro do throno da Italia, vem educado pela burguesia que lhe inocula no cerebro ser elle predestinado ao mando e os subditos á obbediencia, acoroçoado o seu orgulho, começã a crel-o cegamente e passando sobre a tudo e a todos, destroe qualquer nobre sentimento do qual pode ser capaz o seo coração e a burguesia triumphante, elogiando os suos grandes merecimentos é satisfeita de ter um rei que faz os seos interesses.

O outro, filho de operarios, constrangido a viver entre **a canalha**, até a idade que não é apto á fadiga, pode frequentar a eschola elementar; depois, porque os genitores são pobres é constrangido, ainda adolescente, a entrar n'uma officina, a aprehender uma profissão.

Lá, supporta todas as sevicias que um patrão brutal e companheiros inconcientes, querem inflingir-lhe e o seo coração se entristece.

Pois, algum outro seo compandeiro de trabalho lhe falla de uma sociedade nova, baseada sobre a equidade e a justiça.

Sedento de saber, lê tudo o que lhe vem sob os olhos e entre todo aquelle prol e contra que lê, chega a distinguir a verdade, isto é (como vos dizeis, Sr. Bosina), que «o capital é o mal principal d'esta sociedade», torna-se anarchico, e chega a ser um propagandista.

De coração tão generoso, não pode mais supportar as infamias continuadamente commettidas em nome do rei e torna-se regicida e martyr.

Fructo este da organização da vossa sociedade, como tambem são fructos tantos outros, entre os quaes os Ravachol e os Caserio do qual no dia 16 do corrente mez, recorreu o anniversario do seo martyrio.

A' vós, oh senhores, vem em memoria com demasiada frequencia, os Humbertos e os Canovas do Castilho, mas vos olvidaes (olvido pro posital) as victimas do governo italiano, vos olvidaes os horrores do castello de Montjuich, onde foram submettidos á tortura, innocentes, só reos de ser anarchicos.

Ah! vós gritaes, porque golpeados em quem vos representa, e não teis uma palavra de dôr para os milhões de victimas do trabalho que gemem sob as garras dos governos, e nos atiraes a luva do desafio.

Pois bem, nós recolhemos aquella luva, e vos gritamos:

OLHO POR OLHO, DENTE POR DENTE.

A Redacção.

AOS PATRIOTAS ITALIANOS

Embora que vós tentasses suffocar o nosso brado de verdade, embora que vós tentasses denigrar um ideal que rivolucionariamente ou progressivamente é destinado a confirmar-se e caminhar para a humanidade, nócom a serenidade de homens conscientes, com a mesma serenidade com que temos assistido ás vossas dimonstrações *antianarchicas*, volta mos ao campo mais fortes de antes, sem tremer pelos vossos desafios, nem por aquella baba venenosa que vomistes contra a Anarchia.

Não responderemos por certo aos vossos insultos, porque sería perder o tempo, e bem outro dever nos chama, e é o de propagar aos homens honestos as nossas ideias de justiça e de liberdade.

Mas, pararemos um pouco para fazer-vos comprehender que diante do tumulo de um rei que não é mais, vos esquecestes de derramar lagrimas sinceras, para inveir contra um ideal que sobre as azas do Progresso corre a salvar a Humanidade.

Mas, nós que fazemos as nossas cousas com toda a tranquillidade da alma, nós que não nos deixamos transportar pela bilis, vos escutamos até o fim; nós remarcamos todos os vossos ditos, e apenas acabado o trabalho, enriqueceremos o nosso IL DIRITTO, com biographias dos mais salientes *umbertini* e faremos conhecer quaes são os verdadeiros estorvadores da ordem publica; veremos quaes são os homens que têm mais dignidade.

Se nos fossemos assassinos, como vos publicamente nos chamastes; se nos fossemos sectarios perigosos, não teriamos assistido ás vossas demonstrações cheias de insultos, com o sorriso ironico nos labios, não teriamos tranquillamente supportado a mordaça á imprensa que em nome d'aquella ordem que vós turbastes, a Policia nos tem imposto.

Não teriamos esperado até agora, a defender-nos, pois que um só grito vos tería feito tremer? Mas como não queremos impôr as nossa ideias com a ponta do punhal, nem com balas de revolwer, inglutimos aquelles insultos, que velhacamente nos atirastes, para não manchar aquella flor que derrama os seus perfumes atraves da humanidade.

Demasiado bem queremos ao nosso ideal! E o dia da revolução, seremos os primeiros a cahir sob o ferro do inimigo e cahiremos gritando: Viva a Anarchia.

Mas, hoje, diante de vós, bandeiras que a todos os golpes de vento mudaes de côr, não vale a pena de compromettêr-nos, porém nos reservamos o direito da legitima defesa, e acreditae-o, saberemos defender-nos..

Embora que batestes, oh meus senhores, todos os golpes de bombo, a figura foi mesquinha, não sómente diante dos Anarchicos, mas tambem diante dos Republicanos, diante do paiz que gentilmente vos estendeu a mão amiga, quando a vossa *cara patria*, vos negava o direito á vida.

Foi um pouco burlesco, hymnejar a Victor Emanuel 3º em quanto sob o vestido preto, viam-se as amostras republicanas.

Foi vergonhoso mostrar-se tão monarchicos, quando a Republica vos satisfaz todas aquellas precisões que o vosso paiz vos negou. E me parece ainda de ver-vos quando sahistes d'aquelle paiz do clima ideal....

Me parece ainda de sentir o apito lugubre do vapor que dava o signal da sahida! E vos imprecavaes contra o governo d'aquelle paiz que vos atirava longe das cousas charas que sempre se deixa na terra aonde se tem nascido.

E depois das tempestades do mar, vos abrigastes nos braços d'esta Republica que a vós foi mãe benefica.

Mas, oh camaleontes, que mudaes de côr a todas as occasiões, olvidaes o bem recebido, quereis ser italianos para proteger a monarchia e quereis ser republicanos para encher a pança.

Encheis tambem as vossas algibeiras, a nós pouco importa, com isso não queremos proteger o governo, porque somos anarchicos, e como taes, todas as formas de governo para nós são iguaes. Mas sabemos porem reconhecer que sob as leis republicanas, gozamos maior liberdade, do que sob as leis monarchicas.

E vós, não consideraes que em quanto no Brazil se hymnejava á Monarchia, na Italia foi prohibido absolutamente ao deputado Pantano em pleno Parlamento, de pronunciar o nome Republica, e isto demonstra claramente quanta liberdade tenciona distribuir o novo Rei Victor Emanuel III.

Patriotismo Patria

Contra este dogmatismo disfarçado, contra o freio a que se desejaria sujeitar o Pensamento moderno, como tambem contra todo este mundo de injustiça e privilegios, a anarchia é o grande protesto ideal, é pratico e é a theoria da justiça social cujo proximo triumpho nos preconizamos.

Mais o que é esta Patria, esta frenesia selvagem, fomentada e admirada pelas classes cultas..... que portanto deveriam lembrar como além do mesquinho conceito patriotico estejam as altas razões da humanidade.

Mas o que é este patriotismo? um nobre sentimento talvez?.... uma daquellas altas idealidades que, mesmo exigindo sacrificios immanes, illuminam a vida de um povo, e o arrastam áquelles impulsos, áquellas formidaveis esplosões das quaes surge um raio fulgente de civilisação, de progresso, de justiça?....

Não, não; A Patria foi o berço de todas as opressões e constitue todavia a peior insidia contra as aspirações populares.

Em nome da patria, em todas as epocas historicas, um povo arrogou-se o direito de opprimir um outro povo.

Em nome da Patria os governantes de todos os tempos poderam exigir dos subditos a renuncia á todas as reivindicaçoes dos direitos populares, invocando a concordia de frente á inimigos deliberadamente criados.

A Patria, significa negação da humanidade, negação do direito. Ella basea-se sobre o mais turpe assioma:

"O direito da força".

Senhores Patriotas; quaes reaes beneficios, a Patria tem procurado aos homens?

Nenhum!....

Repare-se em vez; quantas prepotencias, quantos desastres, quantas dôres tem causado; as suas vicendas estão marcadas na historia com uma longa fita de sangue.

A Patria é eschola do odio.

A Patria é um convencionalismo.